

## O ESPAÇO POLÍTICO NO TEATRO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRE BOAL, GUARNIERI E PELETELA

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT/IHGC)

### **Resumo:**

Nas décadas de 60 e 70, os países Brasil e Angola viveram um período político-cultural turbulento, em que o teatro foi uma provocação em aberto ao sistema de governo. Nesse contexto, Boal e Guarnieri estrearam a peça *Arena conta Zumbi*, em 1965, cuja resistência dos escravos contra o domínio português foi o pretexto para inflamar uma luta pela liberdade de expressão. Em Angola, Pepetela publicou *A revolta da casa dos ídolos*, em 79, cujo episódio da história política de Angola no tempo da colonização foi o motivo de contestação do poder dos dirigentes frente a uma nação. Peças contestadoras, *Arena* e *A revolta* indicam lutas e frustrações de países independentes, mas sufocados pelos desafios políticos e socioculturais. Peças teatrais produzidas em espaços e tempos distintos, mas detentores de semelhanças e dessemelhanças que serão investigadas à luz do comparatismo literário.

**Palavras-chave:** Teatro, política, Comparatismo, Brasil, África.

### **1 Introdução**

O teatro político teve diversos seguidores, cujo auge aponta-se para períodos históricos conturbados, períodos esses que fizeram do teatro um espaço para o debate de ideias. As peças impunham pontos específicos que necessariamente precisam ser discutidos: a crise na economia e a contestação do sistema de governo vigente, pela adoção do sistema ditatorial e, por consequência, a fixação da censura como instrumento de coibição da liberdade de expressão.

### **2 Entre Brasil e Angola – Arena contra Zumbi e A revolta da casa dos ídolos**

No Brasil, os textos cênicos permearam temáticas diversas, entre as quais se destacam: crise econômica, crise existencial, acontecimentos urbanos, religiosidade, misticismo, a crise sociopolítica, entre outros. Nessa direção, um grupo significativo de dramaturgos trilhou caminhos que levaram a discussões que se ligaram à construção política nacional, em um período compreendido entre 1960 a 1970. Desse grupo, podemos destacar Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri.

Dramaturgos consagrados pelo moderno teatro brasileiro, esses autores

inauguraram uma nova forma de produzir teatro, além de terem legado excelentes textos de crítica teatral sobre nossa dramaturgia. Entre as peças produzidas, individualmente ou em parecerias, Boal e Guarnieri levaram à cena o espetáculo *Arena Contra Zumbi*, em 1965, no teatro de Arena de São Paulo, com música de Edu Lobo. A peça foi publicada também pela *Revista de Teatro SBAT*, n. 378, em dezembro de 1970.

*Arena contra Zumbi* é um musical, em dois atos, cujo conteúdo é amplamente histórico e mítico. A peça ofereceu a possibilidade de criação de imagens múltiplas: imagens do Brasil do século XVIII (ano de 1788) e do século XX (década de 1960). De certo modo, flagra-se “o homem fazendo a sua própria história pelos liames da ficção” (SILVA, 2008, p. 97).

No exercício do comparatismo literário, por ser essas peças teatrais, antes de tudo, textos cênicos, esta pesquisa estabelecerá confrontos entre *Arena contra Zumbi* e *A revolta da casa dos ídolos*, pelo debate amplamente político e engajado que ambas as peças estabelecem na estrutura cênica. Por este exercício, podem-se indicar proximidades e distanciamentos entre dois textos significativos da dramaturgia de língua portuguesa, em sistemas literários distintos: Brasil e Angola.

*A revolta da casa dos ídolos* é um texto produzido por Pepetela, em 1979, e está construída em três atos, sem divisão em cenas ou quadros. Com conteúdo engajado, oferece pistas sobre a militância do autor nas questões políticas de Angola, mediante a situação conflitante de um determinado momento histórico nacional. Nessa direção, o texto revitaliza um passado histórico do país, a fim de discutir uma realidade do presente, pautado em um estatuto que revela personagens míticas e históricas, e, por isso, épicas. Constrói-se, pois, imagens de Angola do século XVI (ano de 1514) e do século XX (década de 1970).

Há, portanto, um direcionamento que permite classificar *Arena contra Zumbi* e *A revolta da casa dos ídolos* como teatro político, épico e, por que não, drama histórico. Os cenários indicam países em que o negro (colonizado) tem uma posição inferior a do branco (colonizador), gerando perfis que tão bem conhecemos ao se falar de colônia/metrópole, explorado/explorador, colonialismo/pos-colonialismo. Há de se considerar, também, que ambas as peças localizam o espectador quanto ao espaço, bem como ao regime político a que se deseja criar um projeto filosófico e sociológico de

esquerda, para estabelecer a contestação de ideias.

Em *Zumbi*, tem-se o seguinte enredo:

Arena conta a história [...] história de gente negra/a luta pela razão/que se parece ao presente/pela verdade em questão [...] há lenda e há mais lenda/ há verdade e há mentira/ de tudo usamos um pouco/ mas de forma que servira/ a entender nos dias de hoje/ quem está com a verdade [...] quem está com a mentira (GUARNIERI; BOAL, 1965, p. 01).

Em *A revolta*, o enredo é enriquecido com um pano que assalta a cena, com um letreiro que diz: “Reino do Kongo, 1514”. Em seguida, aparecem dois apresentadores, cujo papel é o de localizar o espectador. Dialogando, os apresentadores esclarecem:

1º apresentador (para o público): Talvez nem tudo nesta peça corresponda à verdade histórica. Dirão os entendidos que tal detalhe ou tal outro não se terá passado assim, que certa personagem nunca existiu, que outra não poderá ter tido o papel que aqui desempenha.

[...]

1º apresentador: A peça que vão ver é feita de factos reais. As personagens, exepcto as que realmente viveram, são inventadas.

[...]

1º apresentador: Contamos com a vossa inteligência para saber quais as históricas e as que talvez tenham vivido mas os historiadores não as fixaram. Por vezes, ou sempre, as mais importantes são as anônimas (PEPETELA, 1980, p. 13-14).

O teatro político é, portanto, aquele em que se inserem gêneros como teatro de *agit-prop*, teatro popular, teatro épico, teatro documentário, teatro de massa, teatro de militância, teatro do oprimido e teatro políticoterapia. Assim, chega-se ao que afirmou Pavis (1999): “estes gêneros têm por características comuns a vontade de fazer com que triunfe uma teoria, uma crença social, um projeto filosófico. A estética é então subordinada ao combate político até o ponto de dissolver a forma teatral no debate de idéias” (p. 393).

Boal (1975) salientou que de todos os musicais representados no Teatro de Arena, a peça *Zumbi* alcançou um sucesso mais do que esperado. Na verdade, a proposta foi crucial para quebrar as convenções que estavam estabelecidas na produção teatral daquele momento e que havia se tornado um obstáculo para a evolução estética do moderno teatro brasileiro. Desse modo, a peça tinha como meta representar a história sob uma perspectiva terrena, palpável, para que o espectador pudesse localizar no tempo

e no espaço o que se queria discutir no palco. Esta era, pois, a perspectiva que os integrantes do Teatro de Arena propuseram estabelecer na dramaturgia. Diante desse contexto e frente a outros espetáculos, como, por exemplo, *Arena Contra Tiradentes* e *Arena Contra Bahia*, *Arena contra Zumbi* foi considerada uma peça que, em relação aos rumos do teatro, soou como

Advertência contra todos os males presentes e alguns futuros. E, dado o caráter jornalístico do texto, requeria-se conotações que deveriam ser, e foram, oferecidas pela plateia. Em peças que exigem conotação, o texto é armado de tal forma a estimular respostas prontas nos espectadores. Essa armação e esse caráter determinam a simplificação de toda estrutura. Moralmente o texto torna-se maniqueísta, o que pertence a melhor tradição do teatro sacro-medieval, por exemplo. E da mesma forma e pelos mesmos motivos porque o teatro sacro da Idade Média requeria todos os meios espetaculares disponíveis, também, no caso de Zumbi, o texto deveria ser amparado pela música, que, nesta peça, tinha como missão principal preparar ludicamente a plateia a receber as razões contadas. (BOAL, 1975, p. 184).

Destruindo as convenções, *Arena Contra Zumbi* recuperou a empatia do público pelo teatro político, exigindo que o espectador tomasse posição de observador diante de acontecimentos que muito se aproximavam da realidade, fazendo jus ao efeito próprio do teatro: mostrar, pela representação de atores, cenas fictícias como se fosse a própria realidade. No fragmento a seguir, fica indicado o realismo político, em uma agressiva cena de golpe militar e exaltação da ditadura (censura):

Arauto: Em nome de sua Alteza real que Deus Guarde e da Coroa Portuguesa, faço saber a todos os moradores desta capitania que hoje, dia 1º de julho de 1788, hei por bem destruir a Dom Pedro de Almeida do seu cargo de Governador, para o qual nomeio Dom Ayres de Souza de Castro, dono e senhor de atos enérgicos e resolução (GUARNIERI; BOAL, 1975, p. 12).

No caso de *A revolta da casa dos idosos*, Pepetela revitalizou aspectos históricos de um passado longínquo de Angola. A visita ao mito e ao passado histórico confrontava-se com um período em que a nação lutava pela afirmação como país independente, onde os valores individuais deveriam ser somados aos valores coletivos. Liberdade, então, se transformou em palavra-nação. Nessa perspectiva, a peça poderia também ser definida como teatro-nação, dado ao seu enfoque político-ideológico nacional.

A visita ao mito e ao passado histórico é o motivo para abrir o espaço para se debater, pela arte do teatro, a história contemporânea do país que naquele momento já estava “independente”. A ênfase aos conflitos sociopolíticos e econômicos é posto em cena, bordado por certa desilusão após a independência, aspecto encontrado em outras de suas obras.

Os títulos *A revolta* e *Zumbi* nomeiam os acontecimentos. A peça de Pepetela conta o episódio de uma revolta acontecida no antigo Reino do Congo, no século XVI, em uma alusão aos acontecimentos da década de 1970, do século XX. Com base nessa revolta popular contra os padres portugueses e seus aliados (os manis), que decidiram coibir o culto animista dos fetiches (ídolos), criou-se o motivo para a contestação de atitudes correntes na Angola recém pós-colonial. Entra, assim, em choque, nesse clima de conflito ideológico, a imposição religiosa e as contradições no sistema de governo. Ao recorrer a fontes, tais como mitos, lendas e acontecimentos históricos, Pepetela documentou uma atualidade política e cultural, fortemente idealista e militante, herdeiro do ponto de vista teatral de Brecht. Assim, temos cenas como a que segue:

Artesão: Antes era simples. Os chefes da aldeia exigiam um pouco do produto de cada camponês. Era o imposto. Juntavam tudo e levavam ao mani da província. O mani ficava com uma parte para ele e o resto trazia ao rei. Hoje, além do tributo, o qual é cada vez mais pesado, para satisfazer os apetites dos manis e do rei, os manis e o rei mandam fazer guerras para apanhar escravos e vendem-nos aos portugueses. A maior parte para o rei. Não admira que esteja cada vez mais rico.

Masala: Estás a ver, artesão? É por isso que o Rei anda com os padres. Não é nada parvo.

Artesão: Sim, não é cego, não. Mas o povo está a revoltar-se (PEPETELA, 1980, p. 44).

Do mesmo modo, no lastro do revigoramento de fatos históricos, para, sobretudo, intervir na construção histórica do presente, *Arena contra Zumbi* acolhe como assunto a história de Palmares, esse importante movimento de resistência contra a escravidão no Brasil. Articulam-se, na peça, aspectos lendários e míticos, em que há referências às lendas contadas pelos negros e o foco em um herói, que representa toda comunidade negra brasileira: Zumbi. Nessa direção, pode-se afirmar que a referência à Palmares materializa-se em resistência de esquerda perante o golpe de 64, de modo que

se pode

Identificar uma luta de resistência armada, rica em estratégias de ataque, defesa e mesmo retaliação, que durou cerca de 100 anos a um movimento mal esboçado no pré-64, por assim dizer, inexistente depois do golpe. Produziu-se, então, uma flagrante contradição entre o entusiasmo e a identificação com que foi recebido o espetáculo e a verdade histórica, tanto a colonial como a recente, na medida em que, pela identificação, a epopéia negra sai injustamente diminuída (COSTA, 1988, p. 188).

### **Conclusão**

Para elaborar uma momentânea conclusão sobre o espaço político que Guarnieri, Boal e Pepetela estabeleceram em *Zumbi* e *A revolta*, a primeira quebrando estéticas preestabelecidas e a segunda adotando um didatismo que é peculiar do teatro político, os textos se inserem ao que Rosenfeld (1982) reuniu sobre a perspectiva de mito e herói no teatro, que, nesta pesquisa, discutimos em Brasil e Angola. Na mesma direção, a análise produzida, neste texto, ficou iluminada sob o que Brecht, Claudel e Wilder classificaram de peças épicas, de conteúdo político, um ponto de partida para se estudar *Arena* e *A revolta* pelo viés da literatura dramática comparada.

### **Referências bibliográficas**

- COSTA, Iná Camargo. **Sinta o drama**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ROSENFELD, Anatol. **O mito e o herói no moderno teatro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- PEPETELA. **A revolta da casa dos ídolos**. Lisboa/Luanda: Edições 70/U.E.A, 1980.
- GUARNIERI, G.; BOAL, A. **Arena contra Zumbi**. S/E, 1965. Peça encontrada no site: <http://pt.scribd.com/doc/52018902/arena-contra-zumbi> , em 01 de maio de 2011, às 19 horas.
- BOAL, Augusto; GUARNIERI, Gianfrancesco. **Arena conta Zumbi**. *Revista de Teatro SBAT*, n. 378, p. 31-59, nov/dez 1970.
- SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Projeção de mitos e construção histórica no teatro**

**XII Congresso Internacional da ABRALIC**  
*Centro, Centros – Ética, Estética*

**18 a 22 de julho de 2011**  
**UFPR – Curitiba, Brasil**

**trágico.** Editora RG/Editora Unemat: Campinas/Cáceres, 2008.

---

Autor: Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva

IES: Universidade do Estado de Mato Grosso

Docente do Programa de pós-graduação em Estudos Literários